

OS BATUQUES E AS REVOLTAS QUE RESSOAM PELA CIDADE: O MARACATU E O BAQUEAR DO DISCURSO DA ORDEM E DA MEMÓRIA GERMÂNICA EM JOINVILLE (SC) (2010-2020)

THE BEATS AND REVOLTMENTS THAT REOUND THROUGHOUT THE CITY: THE MARACATU AND THE THUMBLE OF THE SPEECH OF ORDER AND THE GERMANIC MEMORY IN JOINVILLE (SC) (2010-2020)



EVELYN DE JESUS JERONIMO¹

MARILUCI NEIS CARELLI²

ROBERTA BARROS MEIRA³

Resumo

Os grupos percussivos de maracatu são responsáveis por preservar e produzir práticas culturais afro-brasileiras que se espriam por diversas regiões do Brasil. Em Joinville (SC), o impacto do maracatu também pode ser percebido na quebra do discurso da história oficial da cidade e da glorificação da cultura alemã. O maracatu faz-se presente em Joinville por meio de dois grupos percussivos, o Morro do Ouro e o Baque Mulher, cujas organicidade e estrutura são diferentes. A pesquisa buscou compreender de que maneiras se dão as trocas de saber e as relações entre os grupos percussivos e os maracatus nação do Recife. Para isso, utilizamos como fonte primária o documentário do Grupo Morro do Ouro na Noite do Dendê *Vivência com a Nação do Maracatu Porto Rico* e os sites dos grupos percussivos de maracatu de Joinville. O artigo também visou entender a presença da jurema sagrada no maracatu, pela toada *Semente de Jurema*, do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu, considerando sua magnitude religiosa. Ademais, um dos momentos mais importantes para os grupos percussivos é a saída ao carnaval de rua, embora a repressão policial se faça presente nesses momentos. Assim, a pesquisa aborda a continuidade histórica do discurso da ordem que construiu e constrói a narrativa de seres disciplinados *versus* os processos de resistência e as múltiplas narrativas da cidade que partem dos diversos sujeitos históricos e suas culturas, entre eles os grupos de maracatu.

Palavras-chave: Maracatu nação. Patrimônio cultural. Joinville.

¹ Licenciada em História pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Pesquisadora do NEAB e do Grupo de Estudos em Circulação de Saberes Natureza e Agricultura. Email: evelyndocumentos@outlook.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade e do curso de psicologia da Univille. Doutora em engenharia de produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordena o grupo de pesquisa Cultura e Sustentabilidade. Email: mariluci.carelli@gmail.com

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade e do curso de História da Univille. Doutora em História econômica pela Universidade de São Paulo. Coordena o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB-Joinville) e o Grupo de Estudos em Circulação de Saberes Natureza e Agricultura. Email: rbmeira@gmail.com



Abstract

The *maracatu* percussive groups are responsible for the preservation and production of afro-Brazilian cultural practices that are spread for all over Brazil. In Joinville (SC, Brazil), the impact of *maracatu* can also be noticed at the rupture of the city official history speech and the German culture glorification. *Maracatu* has been present in Joinville through two percussive groups, Morro do Ouro and Baque Mulher, whose organicity and structure are different. The investigation has tried to comprehend how the knowledge change happens, as well as the relations between the percussive groups and the *maracatu nação* groups from Recife. In this regard, we used as primary source the documentary by the group Morro do Ouro na Noite do Dendê *Vivência com a Nação do Maracatu Porto Rico* and the websites of the *maracatu* percussive groups from Joinville. The article has also intended to understand the presence of sacred mimosa in the *maracatu*, through the *toada Semente de Jurema*, by Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu, considering its religious magnitude. Moreover, one of the most important moments for the percussive groups is the carnival on the street, although the police repression is present on this moment too. Then, the investigation points out the order speech historic maintenance, that has built and kept building the narrative of orderly beings versus the resistance processes and the multiple narratives about the city by the several historic subjects and their cultures, among them the *maracatu* groups.

Keywords: Maracatu nação. Cultural heritage. Joinville.

Introdução

O maracatu é uma manifestação cultural das regiões periféricas do Recife, e nele existem diversos elementos, como a dança, o canto, instrumentos musicais e indumentárias. Releva destacar que cada nação de maracatu possui seu próprio estilo musical. O mestre é quem canta as toadas (músicas), e os batuqueiros acompanham-no tocando tambores, caixas, taróis, mineiros e gonguês. Há também a corte do maracatu, composta do rei, da rainha, do príncipe e da princesa, do duque e da duquesa, de vassalos, escravos, lanceiros, baianas e damas do paço – que carregam as calungas (bonecas). Existem maracatus nação que têm ligação com as religiões de terreiro, como o xangô, a jurema, a umbanda, o candomblé angola, entre outras. Tais elementos podem nos ajudar a identificar o maracatu nação: território, religião, práticas compartilhadas e espetáculo coletivo. O maracatu de orquestra diferencia-se da nação, pois é constituído de um *terno* em que são tocados a *poica*, uma espécie de cuíca, o tambor, o gonguê de duas campânulas, a caixa, o pistão ou o trombone de vara, que são instrumentos de sopro (LIMA, 2014).

Não existe especificamente uma fonte histórica que comprove quando nasceu o maracatu. Historiadores que trabalham com o tema indicam aproximações do maracatu



com as cerimônias de coroação dos reis do Congo, visto que nesses eventos estavam presentes o porta-estandarte, o segurador do pátio, os lanceiros, os músicos e os dançarinos, esses dois últimos executando atividades performáticas (CUNHA, 2009, p. 91). Lima (2005) ressalta a importância de não focarmos apenas em um ponto único de início do maracatu; essa busca pelas origens pode nos levar a uma história linear e homogeneizadora, congelando o maracatu no tempo, sem levar em consideração as criações nem as reinvenções da prática dos maracatuzeiros.

Para além dos elementos citados, a prática sincrética da coroação do rei do Congo pode sugerir indícios dos primeiros passos de organização do maracatu. Conforme a historiadora Marina de Mello e Souza (2014), as coroações do rei do Congo referiam-se à cristianização do reino do Congo no fim do século XV. A ação de se eleger um rei negro em comunidades de negros ocorria em diversos locais da América, como apontam os estudos de Roger Bastide (*apud* SOUZA, 2014). Segundo ele, nas sociedades escravagistas os negros se organizavam em comunidades, agrupando-se em nações, de acordo com sua identidade étnica. Sabe-se que nos primeiros períodos da colonização já se tinha o costume de as nações africanas terem seu próprio rei ou governador:

Com o estilhaçamento das relações familiares provocado pelo tráfico, os africanos escravizados buscaram reconstruir em novas bases os laços fundamentais que uniam as pessoas, sendo a ligação entre malungos, como já vimos, a primeira alternativa encontrada, ainda durante a travessia do Atlântico. A reunião em grupos oriundos da mesma etnia ou de regiões próximas, pertencentes a um mesmo complexo sociocultural, foi outra forma encontrada para recriar as afinidades antes fundadas nas relações de parentesco (SOUZA, 2014, p. 186).

Desse modo, as nações ressignificadas pelos negros foram uma forma de substituir as linhagens entre as comunidades africanas no Novo Mundo, bem como as eleições de reis, uma peça fundamental para recriar as estruturas sociais já existentes em seus lugares de origem. Para além da questão parental, essas coroações eram de suma importância no âmbito da comunidade, pois era o rei quem resolveria as questões da comunidade. Ou seja, sua autoridade seria aceita em parte pela sociedade senhorial escravista brasileira. É importante esclarecer que essas eleições de reis negros eram feitas por associações de distintas naturezas, corporações de ofício, cantos de trabalho e grupos quilombolas, ocorrendo de maneira geral no âmbito das irmandades de homens pretos (TSEZANAS, 2010, p. 18). Em sua dissertação, intitulada *O som dos tambores silenciosos: performance e diáspora africana nos maracatus nação de Pernambuco*, Cunha (2009) discute a importância da coroação das rainhas nas nações de maracatu. Em contrapartida, ocorreu



o declínio do papel do rei nas cortes dos maracatus⁴. Atualmente, as rainhas dos maracatus são veneradas principalmente por intermédio das toadas.

Em 1767, o italiano Carlos Julião, capitão de mineiros da artilharia da corte, retratava em suas pinturas as coroações de reis do Congo no festejo de reis, como podemos observar na figura 1.



Figura 1 – Coroação de um rei negro no festejo de Reis, por Carlos Julião (1740-1811)

Fonte: disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/coroa%C3%A7%C3%A3o-de-um-rei-negro-juli%C3%A3o-carlos-1740-1811/CAG-_kc6nHS15A?hl=pt-br. Acesso em: 13 set. 2020

A diáspora africana⁵ desencadeou um processo de privação e reconstrução da vida sociocultural de seres humanos africanos. Foi um processo de desterritorialização e de fragmentação de identidades. Simas (2018, p. 12) traz a reflexão de que a diáspora africana é como Yangí, um fenômeno de despedaçamento e de invenção. Para o autor, “cada fragmento dos saberes, das memórias e dos espíritos negro-africanos que por aqui

⁴ Cunha (2009) destaca que as coroações de reis do Congo representam laços históricos entre os maracatus e o passado da diáspora africana no Brasil, mas enfatiza que essa não é necessariamente a sua origem.

⁵ Nei Lopes (2004) esclarece que o termo diáspora significa dispersão. Embora, a palavra foi principalmente utilizada para designar a dispersão espontânea dos judeus, ela pode ser utilizada para descrever a imigração forçada dos mais de 10 milhões de africanos provocada pelo tráfico negreiro e a escravidão. As acepções incorporadas ao vocábulo também passaram a abranger as questões identitárias e culturais, designando tanto os descendentes dos africanos como o Patrimônio cultural negro.



baixam são pedaços de um corpo maior que mesmo recortado se coloca de pé e segue seu caminho dinamizando a vida” (SIMAS, 2018, p. 12). Yangí são as partes de Elegbara, filho de Orumilá, que come todas as coisas do universo e as devolve de maneira renovadora, e a forma como Elegbara devolve o que engoliu é impossível de ser controlada ou até mesmo imaginada.

Ao contrário da ideia de uma prática ou de um costume ter uma origem única, entendemos que o maracatu, assim como outras múltiplas manifestações culturais do Brasil, é fruto do cruzamento de caminhos que se fez por aqueles que atravessaram o Atlântico carregando em seus corpos suas memórias e experiências e aqui se reconstituíram e reinventaram seus modos de vida. Nesse sentido, é nossa intenção trazer para o primeiro plano reflexões ainda em aberto sobre o maracatu, principalmente nas regiões não reconhecidas pela tradição, que envolve um período de longa duração, mas que é marcada pelos processos de circulação de saberes, como a presença do maracatu em Joinville.

Planta e batuque

A Nação Porto Rico já mandou o recado: “*Sou da Nação Porto Rico faço no apito os tambores falar*” (NAÇÃO DO MARACATU PORTO RICO, 2020). A nação de maracatu Porto Rico foi fundada em 1967 no Recife na Comunidade do Bode, no bairro Pina. Eudes Chaga foi um dos principais articuladores da fundação da nação. Nesse processo, teve apoio de Katarina Real e João Santiago, ambos membros da Comissão Pernambucana de Folclore (LIMA, 2010).

As letras das toadas dos maracatus carregam expressões, anseios e sentidos de quem as compôs. Elas condizem com a visão de mundo daqueles e daquelas que as compuseram e as cantavam, porém é difícil achar registros de seus compositores (LIMA, 2007). Trata-se de composições de autoria desconhecida, não sendo possível saber então o seu processo, o momento de criação, se foi escrita individualmente ou de forma coletiva. As toadas parecem ser feitas por meio da cultura do improviso diante de determinada situação em que se apresentam em público. A toada exibida a seguir é tocada também nas oficinas de maracatu em Joinville realizadas pelo Grupo Morro do Ouro, sendo essa ação uma marca da circulação dos conhecimentos entre o Recife e Joinville.

Analisando os elementos que constituem a toada chamada *Semente de Jurema* (GRUPO ESTRELA BRILHANTE, 2018), tocada e cantada pelo maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu, podemos perceber os entrelaçamentos entre natureza, música e fé:



Semente de Jurema
Meu apito tem,
Semente de Jurema,
A senhora tem a cabocla Iracema
Lanceiro, lanceiro,
Dama de Paço que brinca primeiro
Pedro Álvarez Cabral
É o rei verdadeiro.

Releva notar que a Nação Estrela Brilhante de Igarassu é uns dos maracatus mais antigos, fundado em 1824 em Igarassu (PE), e cuja sede atual está localizada na mesma cidade. Maria Sérgia da Anunciação (1898-2003), também conhecida como Mariu, comandou a nação ao lado de seu marido, Manoel Próximo de Santana. Mariu era a dama do passo da nação, exercendo a função de conduzir a calunga. A nação cultua o xangô e a crença na jurema sagrada (AMORIM, 2014, p. 90-91).

Sabemos que o apito tem função fundamental no baque do maracatu. É ele que comanda os instrumentos. Imaginamos que o apito que contém as sementes da jurema, que, com o soar dos lábios do mestre, conduzem o baque virado, é carregado de força sagrada e simbólica, imantando nas sementes tudo o que elas representam nesse grande panteão religioso de cura e proteção. Analogamente, o maracatu faz os tambores rufarem.

A presença da jurema pode ser conhecida como “tronco da jurema”, já que os seus usos são de diversas religiões e regiões, como cita Câmara Cascudo (1951, p. 18). A jurema é um arbusto típico do sertão do nordeste e pertence à família das leguminosas mimosoideas. A jurema-branca é mais usada do que a jurema-preta. Dela são feitos chás, cozimentos para banhos, embebidos em cachaça como amuletos, benzidos pelo mestre da mesa. A árvore jurema tem historicismo ao longo do tempo, e são utilizadas várias partes dela, como a raiz para fazer o vinho da jurema.

Destacam-se o uso e a crença da jurema difundida no catimbó, a qual Luís da Câmara Cascudo analisa profundamente em seu livro *Meleagro* (1978). Conforme os relatos do autor, o catimbó está intrinsecamente ligado às culturas indígena e afro-brasileira: “São ‘caboclos’, indígenas, Xaramundi, Ritango do Pará, Manicoré, Itapuã, Tupã, Mussurana, Pinavarucu, Tabatinga, Turuatã, Canguruçu, Fustina, Angélica, Iracema. São negros, negros africanos, Pai Joaquim, Tia Luísa, Preta da Angola e Nanãgiê, Nanãgiá, Nanãbicô, Rei Nanã” (CASCUDO, 1978, p. 166).

Quando os mestres “morrem”, encantam-se e passam a habitar o reino do Juremá, a fim de continuar passando a sua sabedoria para os mestres que vivem no plano terrestre.



Simas (2018) acentua que nos reinos místicos do Juremá os mestres são auxiliados pelos caboclos da Jurema, espíritos de indígenas que conheceram em vida as artes da guerra e da cura. Interessante notar a presença do caboclo Arreamar nos cortejos dos maracatus, que é representado por um indígena com plumas ou penas de pavão (NEGREIROS, 2017, p. 117).

Segundo Lima (2010, p. 117), as duas rainhas de maracatu, Dona Santa e Maria Helena, eram juremeiras e não omitiam a prática da sua religião, tampouco os vínculos dos seus maracatus com a jurema. Acrescenta o autor que o famoso maracatuzeiro Luiz de França declarava que em seu maracatu, o Leão Coroado, existiam os “senhores mestres”, fazendo alusão aos mestres da jurema sagrada. Outra vinculação que o historiador traz é o do Maracatu Nação Gato Preto, cujo mito de origem está integrado à prática da jurema.

Cabocla Iracema também é um dos elementos dessa toada. Nesse caso, jurema e a Cabocla Iracema possuem fortes vínculos. Henrique Carneiro (2004, p. 113) destaca a presença da jurema em obras literárias conhecidas, como no romance *Iracema*, de José de Alencar (1865). Mais do que a centenária apreciação crítica e popular de *Iracema*, pouco ou quase nada é dedicado a um elemento fundamental dessa obra, a jurema. Para Carneiro (2004), o romance tem relevância marcante no imaginário brasileiro desde o século XIX: “Toda a estrutura da narrativa é composta em torno do fio da jurema, seu consumo é o que aproxima os amantes e a violação do seu tabu é o que os lança fora da tribo” (CARNEIRO, 2004, p. 113).

Desde os primeiros séculos da chegada dos portugueses ao Brasil, vêm-se analisando e pesquisando hábitos indígenas relacionados não só ao uso de plantas na preparação de remédios e bebidas, mas também em cerimônias religiosas afro-brasileiras. A circulação dos saberes entre a população indígena e a africana é um tema trabalhado ainda de forma menor pela historiografia, embora se reconheça que se trate aqui de religiões com forte vínculo com a natureza, que compartilharam espécies de plantas e as suas utilizações tanto religiosas e culturais como no tratamento de doenças. Segundo Pinto (1995), essas trocas de saberes de indígenas, negros e brancos têm relevante importância na formação social brasileira e estão presentes ainda hoje em vários aspectos da nossa realidade, inclusive no maracatu. O culto da jurema com suas características indígenas se configuraria como uma expressão desse encontro. Isso assentado, não há como relevar a importância que atravessa o estudo da flora pelos seus princípios



medicinais, mas que deveria ser pensada, igualmente, no espaço dos saberes e das práticas religiosas de populações ainda fortemente ameaçadas.

Dessa maneira, o caboclo Arreamar constitui nos maracatus nação o reflexo dessa mescla de culturas e religiosidades brasileiras, como aponta Arruda Camargo (2006, p. 406):

Um exemplo de mescla de culturas na religiosidade brasileira é a figura de um caboclo (entidade mais reconhecida como da umbanda, mas presente também no candomblé angola) fumando num cachimbo – objeto universal, mas usado tradicionalmente na África, mas utilizando o fumo indígena.

Os lanceiros também estão presentes na corte do maracatu; representam um guarda que simbolicamente protege o casal real, trazendo consigo uma lança e um escudo. São os guerreiros africanos da corte (IPHAN, 2019).

“A dama do paço que brinca primeiro”. No maracatu é comum os maracatuzeiros expressarem que vão brincar o maracatu quando saem às ruas. As damas do paço, como já dito, carregam as calungas, que imantam o axé⁶ da nação do respectivo maracatu, contudo devemos nos atentar para quando o sagrado passa a ser enxergado apenas sob uma visão capitalista de interesses econômicos. Oliveira e Esteves (2009, p. 6) defendem que “a utilização de manifestações culturais populares como entretenimento tem sido cada vez mais comum, em diversos setores da indústria cultural, como é o caso do turismo”. Nesse caso, as manifestações culturais passam por um processo de redução e são tornadas mais coloridas, dramáticas e espetaculares, com o objetivo de atrair o turista que não tem conhecimento prévio sobre o tema. Oliveira e Esteves (2009) afirmam que, para que as comunidades envolvidas sejam beneficiadas, é importante que elas atuem no planejamento das atividades, expressando os limites, para que haja respeito da sua manutenção simbólica e isso se torne alternativa de renda.

Sendo assim, uma das possíveis saídas para compartilharmos o conhecimento das diversas manifestações culturais que fogem da visão por vezes estereotipada dada pelas mãos do mercado turístico é primeiramente a educação, tornando-a protagonista em tais condições, abordando nas atividades ligadas à educação patrimonial a perspectiva

⁶ Segundo Simas (2019, p. 89), o axé é um modo de relacionamento com o real fundamentado na crença de uma energia vital. Ele reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização dos corpos pela dança. O axé deve ser constantemente alimentado, restituído e trocado para que não se disperse.



histórica e crítica, mostrando outro lado de tais conhecimentos, sem ser pela lógica econômica turística.

Embora haja essas problemáticas quanto à questão turística, ademais, destaca-se a importância do brincar como uma prática libertadora exercida pelos maracatus nação. Para além de muitas coisas que o maracatu ensina, ele também nos alerta para a condição de sermos criança. Simas (2019) pontua isso de forma exemplar:

Herdeiros de um tempo que não se sabe mais o que é brincar, não se amíuda para ouvir os segredos das pedrinhas, tampouco credibiliza o enunciar das crianças, estamos limitados aos princípios explicativos da chamada razão. Por isso, somos também estrangeiros em nosso próprio corpo, desconhecemos sua força e o que esse suporte tomado pelo transe dos tambores encarnados pela espiritualidade do ser criança pode nos dizer (SIMAS, 2019, p. 48).

Pois bem, chegamos ao final da toada: “Pedro Álvarez Cabral é o rei verdadeiro”. Trazemos para o plano de análise a questão do encantamento da vida que Luiz Antônio Simas desenvolve em suas obras. Segundo o autor, podemos entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida em suma. O encantamento é também a possibilidade de liberdade, para ser o que se é:

O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referências para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida firmada em princípios cósmicos e cosmopolitas (SIMAS, 2020, p. 7).

Estamos lançando a hipótese de que nessa toada Pedro Álvarez Cabral seja um ser encantado; ele pode significar outras coisas para além daquilo que historicamente conhecemos sobre o sujeito histórico que foi Pedro Álvares Cabral. Aqui estão em jogo a invenção, a reinvenção e a circulação de saberes.

A necessidade da dobra política e epistemológica contra as narrativas reducionistas de Katarina Real e Guerra Peixe

Em sua obra referente à temática do maracatu nação, Lima (2010) traz à tona as discussões sobre pureza africana e sobrevivência africana, questões que os maracatus nação tiveram de enfrentar. Um exemplo da influência dos folcloristas nos maracatus nação com a difusão da pureza africana é o de Katarina Real quando ela mesma nomeia em seus estudos, nos anos de 1961 a 1966, quais maracatus eram legítimos e “híbridos” em seu livro intitulado *O folclore no carnaval de Recife* (1990). Real (1990, p. 60)



descreve quais são as nações africanas legítimas, juntamente com as datas e cidades de fundação:

- Leão Coroado: Recife, fundada em 1863;
- Estrela Brilhante de Igarassu: Recife, de 1910;
- Elefante: Recife, 1800.

Ao final da citação, a autora diz que as duas nações de maracatus híbridos são Indiano e Cambinda Estrela. Os maracatus híbridos eram os maracatus de orquestra, que, segundo Real (1990), não eram nações autênticas nem legítimas. Nessa narrativa reducionista a folclorista denominou pela sua visão quem eram os “puros” e os “impuros”.

Esse assunto leva-nos para a discussão do século XX sobre a decadência dos maracatus nação. Guerra Peixe (1980) registrou em seu livro intitulado *Maracatus do Recife* sinais dessa possível decadência. A seu ver, essa decadência aconteceu porque os maracatus “antigos” não seriam substituídos, e restariam outros de novos tipos. Katarina Real (1990) defende igualmente que as causas do enfraquecimento das nações de maracatu são o orgulho de uma herança cultural mais ou menos “africana” e a desintegração do “matriarcado” afro-brasileiro. Tal narrativa de decadência do maracatu está ligada à negação de mudanças que venham a alterar características da manifestação cultural, vistas pelos folcloristas como a descaracterização do maracatu, abrindo caminhos para sua futura extinção, porém não é o que a realidade nos mostra, e grande parte das nações citadas por Katarina Real como em vias de desagregação está ativa nos dias de hoje.

Os maracatuzeiros não foram passivos; exerceram muitos contragolpes e ações táticas, tiveram de agir em diferentes conjunturas políticas e reagir a elas. Esse contragolpe versado nas encruzilhadas tem como finalidade desobsediar os carregos do racismo/colonialismo. Entendemos que essas concepções de decadência dos folcloristas citados é o que Simas (2018) chama de cânone ocidental. Cânone significa uma regra padrão, um modo de se comportar, um modelo de como deveria ser um maracatu “puro”. Os maracatuzeiros sabiam muito bem jogar e esculhambar. Simas (2018) mostra que a perspectiva de mundo em favor dessa normatização canônica produziu mentes blindadas pelo colonialismo.

Essa dobra política e epistemológica é crucial para o reposicionamento ético e estético das populações, bem como das suas produções, que historicamente foram vistas como não credíveis. A religião e a cultura afrodescendente não são uma simples transposição da África para o Brasil. Essa reconstrução e reinvenção das heranças dos



povos africanos que forçadamente vieram para cá são complexas e foram “submetidas às diversas situações e contextos, que proporcionaram o clima para as mudanças e releituras das tradições trazidas para o Brasil pelos escravos” (LIMA, 2005, p. 91).

O maracatu em terras ordeiras: Joinville

Em Joinville temos dois grupos percussivos de maracatu: o Grupo Morro do Ouro, criado em 2010, e o Grupo Baque Mulher, de 2015 – uma extensão do maracatu Baque Mulher do Recife, criado em 2008 pela mestra Joana Cavalcante⁷. O Baque Mulher é composto somente de mulheres. Por meio das suas danças e loas, expressam a luta e a resistência pelos direitos femininos, como também influenciam as mulheres, principalmente as negras, a se empoderarem mediante um feminismo coletivo.

É necessário levar em consideração as diferenças de grupos percussivos e nações de maracatu. Segundo Lima (2014), praticamente todos os maracatus nação estão localizados em uma comunidade periférica de baixa renda, constituída em sua maioria de negros e negras, e as suas interações baseiam-se muitas vezes em práticas comunitárias. Os batuqueiros dos grupos percussivos de Joinville residem em lugares diferentes da cidade e geralmente se encontram nos fins de semana para ensaiar ou realizar oficinas abertas ao público. Depende da dinâmica de cada grupo, de como se organizam, se encontram, estudam e ensaiam.

A Sociedade Kênia Clube é um espaço de destaque no fazer e na prática dos grupos percussivos de maracatu. É nele que os grupos ensaiam, guardam seus instrumentos, bem como realizam as oficinas com os maracatuzeiros que vem do Recife. Ian Pogan, Rhuan Carlos Fernandes e Roberta Barros Meira (2020) estudam em seu artigo a historicidade do clube. Segundo os autores, as populações afro-brasileiras de Joinville começaram um movimento para a constituição de um espaço de sociabilização e entretenimento de negros e negras, visto que na cidade não existiam espaços para tal:

Na década de 1950, a população negra, surfando nos ares da recém-democracia constituída, depois da queda do regime ditatorial do Estado Novo (1937–1945), fez ecoar a sua voz. Foi com o futebol que teve início o clube, ainda sem o nome Kênia. Alguns indivíduos negros reuniam-se para a prática do futebol, jogando pela região em torno de Joinville, como São Francisco do Sul e Jaraguá do Sul (POGAN; FERNANDES; MEIRA, 2020, p. 110).

⁷ Primeira mulher à frente de uma nação de maracatu, o Encanto do Pina.



Os autores acrescentam que o Kênia surgiu com a expectativa de encontro desses sujeitos na chamada domingueira, a qual se constituía em um baile ao som da radiola, e cobrava-se uma pequena quantia para a entrada. Foi em setembro de 1960 que a Sociedade Kênia Clube iniciou suas atividades, com um formoso baile. Ela foi e é um espaço significativo para a manutenção do carnaval joinvilense, expandindo sua importância para toda a cidade. Na figura 2, podemos testemunhar o uso do espaço da Sociedade Kênia Clube pelos grupos percussivos de maracatu.



Figura 2 – Oficina de maracatu do Grupo Morro do Ouro realizada na Sociedade Kênia Clube, Joinville (SC)

Fonte: elaborada pela autora (2019) (Acervo particular da autora)

Em 2018, o Baque Mulher ocupou a Praça Tiradentes, como podemos ver na figura 3, também situada no bairro Floresta, para realizar o seu carnaval de rua. Segundo a matéria feita pelo Repórter Popular, uma das integrantes aponta para a importância de os grupos percussivos de maracatu estarem presentes nas diversas regiões da cidade e não apenas no centro, pois a festa tradicionalmente é feita na rua (GOLDMAN; SOLOMON, 2018). Nessa perspectiva, entendemos também a relevância da realização dessa



manifestação cultural na zona sul de Joinville, pois nem todos têm acesso à região central e muitas vezes estão fadados a circular apenas no seu bairro.



Figura 3 – Grupo de maracatu Baque Mulher ocupa praça na região da zona sul de Joinville (SC)

Fonte: Goldman e Solomon (2018)

O Baque Mulher de Joinville também realizou oficinas de percussão ministradas por batuqueiras que vieram do Recife⁸. Nessas oficinas se estudam os ensinamentos, os fundamentos e as religiosidades do maracatu. Consideramos que as trocas de saber que perpassam por diferentes culturas são as músicas que circulam de um lugar para o outro. Ou seja, são músicas do Recife, mas também tocadas em Joinville, sempre fazendo referência às nações do Recife. Em Joinville, no carnaval, especificamente na Rua das Palmeiras, mas também em praças, os grupos cantam e tocam em alto e bom som toadas das nações do Recife, expondo para a cidade um pouco da história do maracatu. As toadas das religiosidades afro-brasileiras são peças-chaves para entender temas como a escravidão, a resistências e a história do Brasil. Nas letras das toadas também identificamos o combate ao racismo e ao machismo, como é o caso das toadas do baque mulher. Nas toadas também são feitas as reverências as rainhas das nações de maracatu.

⁸ Segundo o Baque Mulher, as convidadas para ministrarem as oficinas foram Chinoca, Lany, Yaba Tenily, Sandrinha e a própria mestra Joana, todas elas do Baque Mulher do Recife.



Lembrando que os grupos percussivos Morro do Ouro e Baque Mulher funcionam de formas diferentes, cada um têm as suas especialidades, não podendo ser tratados como a mesma coisa.

As primeiras publicações no *blog* do Grupo Morro do Ouro são de 2009. Já em 31 de julho de 2010 foi postado por eles que o projeto Grupo de Percussão e Estudo de Maracatu de Baque Virado foi aprovado pelo edital do Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura (Simdec), da Fundação Cultural de Joinville e da prefeitura, e em 2012 o grupo teve dois projetos aprovados no edital de apoio à cultura do Simdec, na categoria Cultura Popular e Intercâmbio Cultural: Qualificação, Expansão e Manutenção das Atividades do Grupo Morro do Ouro de Maracatu de Baque Virado; e Grupo Morro do Ouro na Noite do Dendê: Vivência com a Nação do Maracatu Porto Rico.

Desde então, os dois grupos vêm realizando de diferentes formas as suas ações, como oficinas, arrastões pela cidade no carnaval, ensaios, apresentações em escolas, eventos da cidade e manifestações políticas. O objetivo dos grupos é a realização de oficinas com mestres de maracatu abertas à comunidade, como também representar a cultura afro-brasileira.

O Morro do Ouro em 2011 realizou com o apoio da Vó Joaquina e da Fundação Cultural a Oficina com Batuqueiros da Nação de Maracatu Estrela Brilhante, do Recife, em Joinville, com a presença dos batuqueiros Pitoco, Thiago e Pelado⁹. Podemos perceber que há uma ligação entre a nação de maracatu do Recife e o grupo percussivo de Joinville, além da forte atuação do grupo viajando para outras cidades para participar de oficinas. Por exemplo, em junho de 2010, a oficina de maracatu realizada em Itajaí, coordenada pelo Mestre Tiriba, professor do Conservatório de Música Popular de Itajaí, contou com o grupo aqui estudado. No canal do YouTube do Morro do Ouro, Maracatu Joinville, é possível identificar que o grupo também utiliza o *hall* do centro de eventos da cidade para suas oficinas¹⁰. O *blog* do grupo percussivo Morro do Ouro é um canal de comunicação importante. Por meio dele, observamos e acompanhamos o seu desenvolvimento e as suas atividades.

O documentário do Grupo Morro do Ouro na Noite do Dendê *Vivência com a Nação do Maracatu Porto Rico* tem 28 minutos. Nele o grupo foca nos principais

⁹ Os vídeos dessa oficina podem ser consultados no canal do grupo no YouTube.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC7s-Tp8xoI3OQRg98hfndbw>. Acesso em: 13 set. 2020.



momentos da 5.^a Noite do Dendê, realizada em 29 de setembro de 2012, e entrevista algumas pessoas da nação. Recebidos na Comunidade do Bode, no Recife, conhecem a sede da nação do Maracatu Porto Rico. Deivison Santos (Pelezinho) é entrevistado e fala que a Noite do Dendê faz uma homenagem ao Mestre Chacon Viana e aos batuqueiros da nação. Esse evento foi pensado para não perder as tradições nem as religiosidades. Deivison acrescenta que a Comunidade do Bode ajuda nas atividades da nação e participa muito delas, enfeitando a rua e saindo no carnaval. Para ele, a comunidade ajuda em todas as partes da vivência do maracatu. José, que é porta-estandarte mirim, relata a importância dos estudos sobre o maracatu que a nação realiza e afirma que, se não tiverem os estudos sobre maracatu, eles não tocam. Primeiramente, são cobrados os estudos e depois o maracatu. Nesse momento ele mostra a sala de informática, onde faz suas pesquisas.

É na frente da Igreja do Pina que se inicia o cortejo da Nação Porto Rico. O padre da igreja fala abertamente ao público e à nação, concebe esta como sua também e segue o baque do Porto Rico pelas vielas adentro, trazendo toda a sua religiosidade e o seu afeto para a comunidade. Ainda, podemos observar o palco montado para a Noite do Dendê e as chegadas das nações e dos grupos convidados. Começam as apresentações no palco com as diversidades culturais: Xirê, com as Yalorixás do Pina, Mestre Teté, do Maracatu Almirante do Forte, Maracatu Rosa Vermelha, Maracatu Nação Aurora Africana, Nação Encanto da Alegria, Baque Mulher, com a Mestra Joana Cavalcante, e o Coco dos Pretos.

Com essa viagem de Joinville até o Recife se fez uma troca cultural dos ensinamentos do maracatu. Por meio dessas experiências, o grupo percussivo Morro do Ouro preencheu cada vez mais os seus saberes e vínculos; a música como arte sagrada transpassa essas experiências nas nações de maracatu.

O Morro do Ouro e o Baque Mulher, bem como outras pessoas que fazem o carnaval acontecerem, quebram a narrativa que foi e é construída pelos grandes empresários e governantes de que Joinville é a Manchester de Santa Catarina, a cidade da ordem e dos grandes patrões. Essa narrativa é excludente e contribui para o apagamento da história das resistências das classes subalternas, considerando que na cidade a identidade germânica é única. Podemos identificar tais narrativa no Caderno Joinville Cidade em Dados (SEPUD, 2018). Dele consta por que Joinville recebeu a denominação de Manchester catarinense:

Entre as décadas de 1950 e 1980, Joinville viveu outro surto de crescimento. Com o fim do conflito mundial, o Brasil deixou de receber os produtos industrializados da Europa. Isso fez com que a cidade se



transformasse, em pouco tempo, num dos principais polos industriais do país, recebendo, por isso, a denominação de “Manchester Catarinense” (referência à cidade inglesa de mesmo nome (SEPUD, 2018, p. 17).

Santa Catarina já vinha engrandecendo a sua indústria: “Por volta de 1930, Santa Catarina passou a ocupar o 5.º lugar no setor industrial brasileiro com 2.848 indústrias” (COSTA, 1998, p. 111). Joinville destacou-se progressivamente como a cidade que mais crescia no estado, e “para explicar o aumento das rendas públicas, dizia-se que não havia milagre e sim progresso” (COSTA, 1998, p. 111). Para seguir a trilha do progresso, a ordem era enaltecida, e o seu discurso, uma forma de controle social diante daqueles e daquelas que lutavam contra as misérias impostas. Os trabalhadores das indústrias e do meio rural que se arriscassem a perturbar a “paz” da cidade, reivindicando direitos trabalhistas, eram tidos como incivilizados.

Em seu recorte temporal, de 1917 a 1943, a historiadora Iara Andrade Costa (1998) mostra uma Joinville não tão ordeira quanto o empresariado queria. Trabalhadores das indústrias, dos comércios, lavradores, entre outros lutaram incansavelmente contra a exploração do trabalho, dos baixos salários, dos impostos abusivos, demonstravam o seu descontentamento e resistiam, indo contra a falsa harmonia social que reinava na cidade.

Estamos falando de uma manifestação cultural que faz parte de uma cidade que em sua história oficial enaltece o orgulho de cidadãos disciplinados. Apolinário Ternes (1986) em seu livro *História Econômica de Joinville* específica no capítulo 12, intitulado “O empresário, uma visão psicológica”, que a multiplicação de negócios e de homens de empresa em Joinville é uma herança dos “heróis” da imigração:

Outra vertente, ao nível da psicologia, que deve ser explorada para o entendimento da multiplicação de negócios e de homens de empresa em Joinville, é o forte sentimento de autonomia, de liberdade sem amarras. A fórmula mais conclusiva para alcançar este nível de comando da própria vida, comando que determinou a emigração de famílias inteiras da Alemanha para o Brasil, só podia ser adquirido através do seu próprio negócio. Os mais intuitivos sabiam que, de resto, a alternativa tradicional, era o trabalho assalariado. Por isto, se arrojavam em empreendimentos solitários, munidos tão somente da força pessoal de trabalho e a obstinação, a obsessão pelo sucesso, pelo invencível desejo de vencer (TERNES, 1986, p. 191).

O discurso do autor ignora a condição precária de vida desses imigrantes. Segundo Ternes (1986), as famílias imigrantes alemães, fadadas ao trabalho assalariado, foram pioneiras em adquirir seu próprio negócio para se sustentar. Ou seja, para ele, força pessoal de trabalho, obstinação e sobretudo obsessão pelo sucesso foram fatores



principais para o desejo de vencer na vida. Esses fatores ainda permeiam o que é ser joinvilense, um ser que no seu espírito está imantado do desejo laborioso do trabalho. Sendo assim, seres disciplinados não pulam carnaval.

E, se decidem pular carnaval, já sabemos quem aparece para manter a tão sagrada ordem. A violência policial é um fato que os grupos percussivos de maracatu enfrentaram em alguns carnavais, como nos mostra a figura 4. Em 2017 aconteceu o Arrastão de Carnavá, promovido pelos integrantes dos grupos. Os foliões tiveram sua festa de rua interrompida pela polícia militar:

A guarnição procurou, sem sucesso, impedi-los de externarem, pelas ruas de Joinville, o cortejo que saíria do [Museu de Arte de Joinville] MAJ em direção à Rua das Palmeiras. Desse modo, os foliões do Maracatu, ignoraram o decreto do [Ministério Público] MP. Nota-se que, uma vez que “povos, países e cidadãos têm direito à liberdade de expressão” (MAMBERTI, 2003, p.16), o Maracatu exerceu uma garantia fundamental, ao concluir seu trajeto ao som dos tambores (COUTINHO, 2020, p. 206).



Figura 4 – Arrastão de carnaval interrompido pela polícia militar

Fonte: Motta Design Studio (2017). Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/mottadesignstudio/photos/?tab=album&album_id=423211144681313&ref=page_internal. Acesso em: 13 ago. 2020

Nota-se em primeiro plano que uma mulher levanta sua carteira de trabalho, demonstrando que é uma trabalhadora, mas que também pula carnaval, enquanto os



integrantes dos grupos percussivos conversam com o policial. Em segundo plano podemos ver uma pessoa levantando o tambor, para que ele não seja prejudicado conforme alguma ação policial. Podemos detectar também algumas pessoas levantando seus celulares, de maneira que possam gravar as cenas caso sofram alguma agressão verbal ou física. A carteira de trabalho nessa foto é um elemento importante; ela está posta como se fosse uma legitimidade contra aquela ação policial, como se o trabalho nessas horas pudesse demonstrar alguma saída para a situação do folião joinvilense. É importante salientar que a questão do trabalho e a policial são relações de construções históricas que se chocam: “No Brasil a polícia teve como foco, e em grande medida ainda tem, o controle das classes populares, visando especialmente o trabalho disciplinado. A dupla lógica de violência policial – repressão política e repressão à ‘vadiagem’ – se alicerça frente às relações de trabalho” (CAMPOS; SILVA, 2018, p. 18).

Nesse mesmo dia, antes de os foliões saírem do Museu de Arte de Joinville para iniciar o arrastão pela cidade, diversas viaturas policiais estavam paradas vigilando a festa, como podemos observar na figura 5. Aqui podemos nos perguntar qual é o risco de uma manifestação cultural para a cidade, sabendo que o carnaval é um direito cultural. Importante ressaltar que, no lado direito da imagem, há a presença da companhia de patrulhamento tático¹¹, cujo objetivo é a preservação da ordem pública por meio de medidas preventivas e repressivas. Segundo matéria do jornal *ND+*, o tático é acionado em situações em que há risco de confronto. Para isso, usa armamento exacerbado, como submetralhadoras e fuzis de alto calibre (BATISTA, 2015).

Campos e Silva (2018) ajudam a pensar o porquê de tantas viaturas policiais no carnaval dos maracatus joinvilense. A violência policial pode ser analisada pelo procedimento processual, ou seja, a organização policial utiliza a violência para resolver conflitos beneficiando a si próprios como polícia, uma classe ou o Estado.

Não podemos conceber como algo natural o acompanhamento nem a vigilância da polícia, tampouco a sua ação de interromper o carnaval de rua. Devemos problematizar a naturalização de que a polícia está ali para proteger, pois sabemos que a narrativa de proteção é camuflada para exercer o controle social em benefício da dita ordem pública, que acompanha as classes subalternas há algum tempo nessa história.

¹¹ Para mais informações, ver: https://pt-br.facebook.com/pg/CPT-Companhia-de-Patrulhamento-T%C3%A1tico-1468802613432555/about/?ref=page_internal. Acesso em: 13 set. 2020.



Figura 5 – Viaturas policiais e tático vigiam a concentração dos grupos percussivos

Fonte: Motta Design Studio (2017). Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/mottadesignstudio/photos/?tab=album&album_id=423211144681313&ref=page_internal. Acesso em: 13 ago. 2020

No ano de 2020 novamente os foliões joinvilenses passaram por situações traumáticas. A festa de carnaval aconteceu nos dias 22 e 23 de fevereiro, tradicionalmente na Avenida Beira Rio, e iniciou-se às 5 horas da tarde. A noite foi caindo, pessoas iam embora, outras chegavam, prontas para aguentar firmes a noite. O carnaval é assim, cada um faz o seu tempo, afinal é o nosso tempo livre. Poucas vezes a população joinvilense se dirige até o centro da cidade para festejar e, quando o fazem, é oprimida e expulsa do local às pressas. Três escolas de samba ainda iriam se apresentar no palco, a festa estava a todo o vapor, com a participação de crianças, jovens, cachorros, idosos, uma multidão, como podemos verificar na figura 6.



Figura 6 – Carnaval de Joinville (SC), na Avenida Beira Rio
Fonte: Morriesen (2020)

Começou uma briga isolada entre um grupo pequeno de pessoas. Era o que a polícia militar desejava: uma desculpa para acabar com o carnaval. De maneira violenta, a polícia passou a disparar tiros de borracha e bombas de gás lacrimogêneo, como é descrito na matéria do jornal *O Mirante* (2020)¹². Já na matéria do jornal *A Notícia*, o relato dado pelo 8º Batalhão de Polícia Militar, acusa os foliões de jogaram pedras e garrafas contra a polícia. Como reagir de forma pacífica diante dessa ação repressora? O 8º Batalhão de Polícia Militar quis demonstrar que eram os foliões os seres violentos e não a sua ação que era violenta¹³. Em pouco tempo de ação policial, o resultado foi o exibido na Figura 7.

¹² “Foi por volta de 1 hora da madrugada de domingo (23). Depois de conter uma briga entre foliões, a [polícia militar] PM decidiu que atirar contra a população era a melhor forma de conter alguns ânimos mais exaltados. Os primeiros tiros e bombas foram o estopim para mais revolta, de modo que parte dos jovens começou a atirar garrafas e outros objetos nos policiais. A PM, então, partiu para cima de todo mundo, incluindo idosos, mulheres e crianças, atirando a esmo e obrigando todos a correr para longe em busca de um lugar seguro” (O MIRANTE, 2020).

¹³ MORRIESEN, C. Carnaval de Joinville é interrompido por ação policial. NSC Total, 2020. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/noticias/carnaval-de-joinville-e-interrompido-por-acao-policial>. Acesso em: 11 fev. 2021.



Figura 7 – Polícia acaba com o carnaval de Joinville (SC)
Fonte: O Mirante (2020)

Segundo o jornal *A Notícia* (MORRIESEN, 2020), as ações foram tomadas para restabelecer a ordem pública, e 16 pessoas foram detidas. Poucos dias depois, foi organizado o carnaval do grupo percussivo de maracatu Morro do Ouro na Rua das Palmeiras. No fim da tarde um grupo de jovens começou uma briga, e novamente a polícia chegou ao local, dispersando as pessoas, apontando armas e avançando com a viatura para cima dos foliões.

O carnaval de 2020 não foi nada fácil para os foliões joinvilenses, tendo os seus três dias de festa destruídos pela polícia militar. A rua é um lugar complexo, onde também ocorrem inimizades, porém os dois casos não foram resolvidos de forma profissional, corrompendo todo o carnaval. Afinal, devemos agradecer a boa segurança pública que a polícia exerceu? O discurso da ordem, que também é o da polícia, segue sendo um controle social violento em Joinville.

Portanto, a cultura do maracatu, transpassada pelos grupos percussivos, rompe com a história oficial da cidade e nos faz refletir: por que o carnaval é um incômodo para a cidade? Ocupar as ruas, mostrarmo-nos em espaços públicos no carnaval é confirmarmos que não somos seres passivos. Em Joinville os corpos e os corações procuram pelo carnaval. As classes populares não querem apenas ir do trabalho para a casa, querem viver a cidade, pisar na rua, consumida cotidianamente pelos carros.

É preciso pensar os grupos Baque Mulher e Morro do Ouro como um patrimônio cultural imaterial da cidade. Segundo Linke (2011, p. 4), o patrimônio cultural condiz



com a concepção de identidade, retrata as transformações culturais e sociais que os habitantes de uma cidade vivenciam. Os aprendizados e a ligação que os grupos da cidade têm com os maracatus nação do Recife são de suma importância no âmbito cultural da cidade, principalmente pelo fato de os mestres de maracatu do Recife já terem se deslocado algumas vezes para dar oficinas aos batuqueiros de Joinville. A ligação entre Joinville e o Recife por meio do maracatu de baque virado se constrói na base do aprender, do memorar e do saudar. Esses fios de aprendizado são também um saber intangível que precisa ser preservado, pois o carnaval em Joinville não é algo esporádico. Parte expressiva da cidade prepara-se ao longo de todo um ano para desfilar, para tocar o maracatu. Ou seja, é algo presente e vivo na cidade.

Considerações finais

Entendemos que as buscas pelas origens do maracatu são a vontade do controle dos corpos. Esse controle, como acentua Simas (2019), sempre foi uma parte do projeto que desqualifica as camadas subalternizadas como produtoras de culturas. As mudanças que aconteciam nos maracatus nação eram desqualificadas aos olhos de quem queria enquadrar a vida cotidiana dos fazedores.

Para além da problematização das origens, elencamos a problematização da sobrevivência africana. Grande parte dos estudos já realizados sobre o maracatu, quando não afirma com precisão o momento em que surgiu o maracatu, o coloca diretamente na história do Brasil colonial, fazendo com que pareça ser fundamentalmente uma herança que provém da diáspora africana e de diversas formas de violência e atrocidades irreparáveis na história. Mas conseguimos perceber também as trocas culturais, os novos saberes, as festas em que se encontram diferentes musicalidades, religiosidades múltiplas, entre outros elementos. Enfim, estudar uma prática ou um costume como tendo uma origem única pode gerar uma história monocromática, embora os caminhos possíveis para entender patrimônios culturais, como o maracatu, apontem frequentemente para uma cultura viva e multiétnica.

Em Joinville, a repressão policial aos carnavais de rua promovidos pelos grupos percussivos de maracatu se torna mais visível e pode ser analisada pelas imagens. O forte armamento, a presença do tático, o baque interrompido são algumas das repressões produzidas pela polícia ao comando do Estado enquanto instituição de dominação. Em 2020 não foi diferente e os foliões sofreram as mesmas repressões. É necessário começar



a estudar os grupos de maracatu da cidade para principalmente entendê-los e preservar a sua manifestação cultural, tão atacada em Joinville.

Ao analisarmos a toada do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu, percebemos que a toada é uma fonte indispensável para compreender o maracatu no seu tempo e espaço, trazendo fortes elementos da sua cultura. Mediante o exposto, trazer à luz o plano das trocas de saberes históricos que os grupos da cidade realizam com o Maracatu Nação Estrela Brilhante, Porto Rico e Encanto do Pina é ressignificar os discursos sobre a cidade germânica, quebrando o silêncio imposto pela violência com as vozes e os tambores que ecoam a história e a cultura viva de outros povos.

Data de Submissão: 29/04/2021

Data de Aceite: 03/08/2021

Referências Bibliográficas

AMORIM, M. A. **Patrimônios vivos de Pernambuco**. 2. ed. Recife: Fundarpe, 2014. 180 p.

ARRUDA CAMARGO, M. T. L. “Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica”. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v.15-16, p. 395-410, 2006.

BAQUE MULHER JOINVILLE. Maracatu em Joinville. **Medium**, 2017. Disponível em: <https://medium.com/baque-mulher/maracatu-em-joinville-d493786d40cc>. Acesso em: 27 jul. 2020.

BAQUE MULHER. **Origem**. Baque Mulher. Disponível em: <https://baquemulher.com.br/origem/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

BATISTA, João. Proposta a criação do primeiro Batalhão de Patrulhamento Tático do Estado em Joinville. **ND+**, 2015. Disponível em: <https://ndmais.com.br/seguranca/policia/proposta-criacao-do-primeiro-batalhao-de-patrolhamento-tatico-do-estado-em-joinville/>. Acesso em: 13 set. 2020.

CAMPOS, G. A.; SILVA, F. M. S. P. “Polícia e segurança: o controle social brasileiro”. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.38, p. 208-222, 2018.

CARNEIRO, H. “As plantas sagradas na história da América”. In: **Varia História**, n.32, p. 102-119, 2004.

CASCUDO, L. C. **Meleagro: pesquisas do Catimbó e notas da magia branca no Brasil** / Luís da Câmara Cascudo. – 2.^a ed. – Rio de Janeiro: Agir, 1978.



COSTA, I. A. “A cidade da ordem: Joinville 1917-1943”. In: FONTOURA, A. A. *et al.* (org.). **Histórias de (D)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. Joinville: Univille, 1998. 272 p.

COUTINHO, J. F. **As máscaras da folia joinvilense: os desfiles carnavalescos como direito cultural (1988-2018)**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2020.

CUNHA, M. W. C. **O som dos tambores silenciosos: performance e diáspora africana nos maracatus nação de Pernambuco**. 232f. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

GOLDMAN, S.; SOLOMON, F. Grupo de Maracatu “Baque Mulher” ocupa praça no carnaval de Joinville/SC. **Repórter Popular**, 2018. Disponível em: <http://reporterpopular.com.br/joinville-sc-grupo-de-maracatu-baque-mulher-ocupa-praca-no-carnaval-de-joinville-sc/>. Acesso em: 13 set. 2020.

GRUPO ESTRELA BRILHANTE. Semente de Jurema. **YouTube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nCa59jZ2SeE>. Acesso em: 13 set. 2020.

GRUPO MORRO DO OURO NA NOITE DO DENDÊ. **Vivência com a Nação do Maracatu Porto Rico**. Recife: Fundação Cultural de Joinville, 2012. 28 min., son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LgShjIO7Ezc&t=14s>. Acesso em: 27 jul. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Maracatu Nação: Inventário Nacional de Referências Culturais**. Iphan. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/504/>. Acesso em: 24 maio 2019.

LIMA, I. M. F. “As Nações de Maracatu e os grupos percussivos: diferenças, conceitos e histórias”. In: **Revista Afro-Ásia**, n.49, p. 71-104, 2014.

LIMA, I. M. F. **Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LIMA, I. M. F. **Maracatu-nação: ressignificando velhas histórias**. Recife: Bagaço, 2005.

LIMA, I. M. F. “Toadas de maracatu e músicas de afoxés: ressignificação de valores, sentidos e tradições na cultura afro-descendente pernambucana”. In: **A Cor das Letras**, v.8, p. 153-170, 2007.

LINKE, Paula Piva. Manifestações populares: cultura, memória e patrimônio. In: **Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH**. São Paulo: Anpuh-Sp, 2011. 11 p. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300742228_ARQUIVO_MANIFESTACOESPOPULARES CULTURA, MEMORIA EPATRIMONIO.pdf. Acesso em: 28 abr, 2021.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.



MARACATU ESTRELA BRILHANTE DE IGARASSU. **YouTube**, 2017. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=gjBk8M4_qOQ&list=RDgjBk8M4_qOQ&start_radio=1. Acesso em: 27 jul. 2020.

MORRIESEN, C. Carnaval de Joinville é interrompido por ação policial. **NSC Total**, 2020. Disponível em: <https://www.nsc total.com.br/noticias/carnaval-de-joinville-e-interrompido-por-acao-policial>. Acesso em: 11 fev. 2021.

NAÇÃO DO MARACATU PORTO RICO. **As Loas**: Loas da Nação Porto Rico. Nação do Maracatu Porto Rico. Disponível em: <https://nacaoportorico.maracatu.org.br/loas/>. Acesso em: 13 set. 2020.

NEGREIROS, Regina Coeli Araújo. O maracatu nação e a sua relação com as religiões afro-brasileiras. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 163-185, 2017.

OLIVEIRA, S. A.; ESTEVES, L. L. “Maracatus rurais nos receptivos turísticos do Recife (PE): um olhar sobre as apresentações para turistas”. In: **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v.3, n.2, p. 1-24, 2009.

O MIRANTE. PM aterroriza foliões e acaba com festa de carnaval em Joinville. **O Mirante Joinville**, 2020. Disponível em: <https://omirantejoinville.com.br/2020/02/23/pm-aterroiza-folhoes-acaba-festa-carnaval-joinville/>. Acesso em: 11 fev. 2021.

PINTO, C. M. **Saravá jurema sagrada: as várias faces de um culto mediúnico**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

POGAN, I.; FERNANDES, R. C.; MEIRA, R. B. “Vamos bailar? A sociedade beneficente Kênia Clube, em Joinville, SC”. In: SOSSAI, F. C. *et al.* (org.). **Patrimônio e sociedade: desafios ao futuro**. Joinville: Editora Univille, 2020.

PROJETO MARACATU JOINVILLE. Projetos 2012. **Projeto Maracatu Joinville**, 2012. Disponível em: <http://maracatujoinville.blogspot.com/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

PROJETO MARACATU JOINVILLE. Projeto Maracatu em Joinville. **Projeto Maracatu Joinville**, 2010. Disponível em: <https://maracatujoinville.blogspot.com/2010/07/projeto-maracatu-em-joinville.html>. Acesso em: 27 jul. 2020.

PEIXE, Guerra. *Maracatus do Recife*. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife/ Irmãos Vitale, 1980, 2ª edição.

REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco – ed. Massangana, 1990. 2ª edição.

SIMAS, L. A. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado nas ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.



SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. 33 p. Disponível em: <https://morula.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Encantamento.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SOUZA, M. M. **Reis negros no Brasil escravista: história da Festa de Coroação de Rei Congo**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. SEPUD: Joinville Cidade em Dados 2018. Prefeitura Municipal de Joinville. Joinville. 2018. 297 páginas. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/Joinville-Cidade-em-Dados-2018-Character%C3%ADsticas-Gerais.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

TERNES, A. **História econômica de Joinville**. Joinville: Meyer, 1986. 279 p.

TSEZANAS, J. P. **O maracatu de baque virado: história e dinâmica cultural**. 120f. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.